

# Há 50 anos, partia o Raul Soares

Navio-prisão, que ficou aportado em Santos de abril a outubro de 1964, deixou marcas da tortura praticada ali e afetou a rotina na Cidade

SANDRO THADEU  
DAREDAÇÃO

A ditadura militar (1964-1985) precisava mostrar força para se impor. Santos era um dos principais focos de resistência em razão da grande influência das lideranças sindicais e da consciência dos trabalhadores. Os números não deixam mentir. Em 1963, foram registradas, em média, quatro greves por mês, sendo duas gerais e de solidariedade, envolvendo mais de 80 mil trabalhadores.

Como forma de intimidação, assim como o restante da Cidade, o navio-prisão *Raul Soares* chegou em 24 de abril de 1964. Atracado nas proximidades da Ilha Barnabé - em um ponto bem visível -, a embarcação manteve prisioneiros políticos civis e militares até 23 de outubro do mesmo ano.

Há exatos 50 anos, justamente no Dia de Finados, a embarcação foi desativada e levada de volta para o Rio de Janeiro, onde virou sucata. Porém, a lembrança desse cárcere flutuante ainda segue viva para vítimas e familiares de ex-prisioneiros. Mais: representa uma chaga difícil de cicatrizar na história de Santos e do Brasil e que trouxe consequências negativas.

Com o objetivo de reestabelecer os fatos, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) deverá ouvir novamente o capitão dos Portos de São Paulo daquele período e responsável pelo navio-prisão, o almirante de esquadra Júlio de Sá Bierrenbach, para falar sobre as torturas ocorridas na embarcação.

O militar reformado prestou depoimento à CNV sobre o atentado do Riocentro (tentativa frustrada de explodir uma bomba durante um show do Dia do Trabalhador, em 30 de abril de 1981), por ser um dos ministros do Superior Tribunal Militar.

Segundo a integrante da CNV, a advogada Rosa Cardoso, a nova oitiva deverá ocorrer na residência dele por conta da idade avançada (95 anos). "Vamos verificar as condições de saúde dele e tentar insistir para que isso aconteça já na próxima semana. Tentarei acompanhar o depoimento", afirma.

A solicitação para ouvi-lo partiu do Comitê Popular de Santos pela Memória, Verdade e Justiça e da Comissão da Verdade de Santos - Prefeito Esmeraldo Tarquínio.

O pedido tem como base o vídeo do depoimento de Bierrenbach, no qual fica nítida a intenção de ele relatar sua versão sobre o que ocorreu no *Raul Soares*. No entanto, o entrevistador o interrompeu por, pelo menos, três vezes. Na sequência, pediu para o entrevistado se pronunciar apenas sobre o caso do Riocentro.

Em um trecho do vídeo, que *A Tribuna* teve acesso, o ex-capitão dos Portos de São Paulo se mostrou indignado com o fato de o relatório parcial da CNV ter apontado o navio-prisão como um dos centros de tortura do Estado. "Muitas pessoas que estiveram presas no *Raul Soares* pediram indenização de forma indevida. Não acredito que tenha havido tortura", disse.

## DISCORDÂNCIA

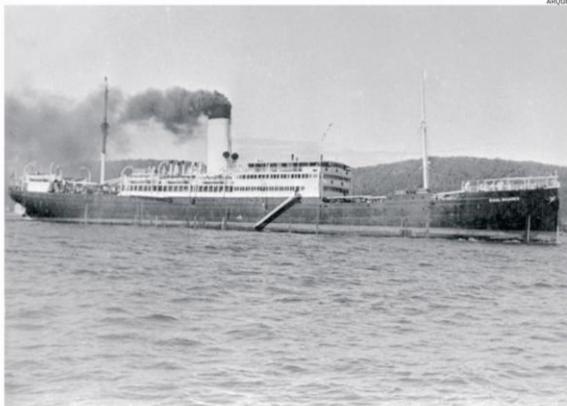
A jornalista e professora da Universidade Católica de Santos (Unisantos) Lídia Maria de Melo diz que não considera a existência de torturas significa apagar a história de Santos, do País e das vítimas.

No cárcere flutuante, além da tortura psicológica, houve tortura física aos prisioneiros, porque foram cerceados do direito de ir e vir, quando não havia nenhuma culpa por isso.

"Havia uma prisão preventiva por causa da acusação de subversão. Após um mês, eles deveriam ser libertados. As pessoas até saíam do navio por estarem livres perante a lei, mas o capitão dos Portos ordenava a volta deles e dizia que tinham de responder outros inquéritos, o que não era verdade", explica ela, que é autora do livro *Raul Soares, um navio tatuado em nós*, em que relata a detenção do pai, Iradil Santos Mello, e o drama familiar.

Lídia afirma que muitas pessoas foram levadas para o cárcere sem saber por quanto tempo ficariam detidas e estavam impedidas de receber visitas.

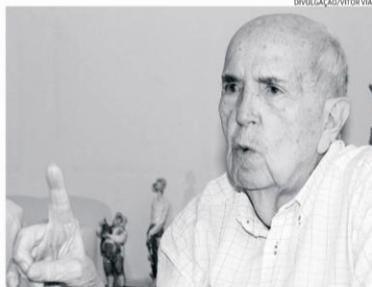
"Os policiais marítimos lançavam boatos que o navio iria para alto-mar. Muitos ficavam apavorados com isso. O navio passou a simbolizar a repressão para a população. Era um recado claro. Quem não se comportasse iria para lá", diz a docente, que integra a Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Unisantos e que planeja fazer um novo livro sobre o *Raul Soares*.



Entre 24 de abril e 23 de outubro de 1964, o navio-prisão esteve atracado nas proximidades da Ilha Barnabé

## Confirmação

A jornalista e professora da Unisantos Lídia Maria de Melo lembra que, em agosto de 2004, foi convidada pela Comissão Estadual de Ex-Prisos Políticos da Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania para falar sobre as torturas sofridas pelos detidos na embarcação. Ela é autora do livro *Raul Soares, um navio tatuado em nós*, e filha de um ex-presos do navio, Iradil Santos Mello. Na ocasião, o então presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp), Henrique Carlos Gonçalves, deu seu parecer sobre o que é tortura e como foi desenvolvida ao longo da história da humanidade. O representante da entidade deixou bem claro que não é preciso mutilar ou machucar o corpo de alguém para fazer com que uma pessoa enlouqueça e até confesse atos que jamais praticou. O relato de ambos foi o suficiente para convencer os integrantes da comissão estadual que o tratamento dispensado aos prisioneiros do *Raul Soares* foi uma forma de tortura. Até o pronunciamento de ambos, a bancada estava dividida em relação à existência de tortura na embarcação.



Comitê pediu à CNV que o almirante Júlio de Sá Bierrenbach seja ouvido



A advogada Rosa Cardoso, da CNV, espera acompanhar o depoimento

## Base Aérea

O Comitê Popular de Santos pela Memória, Verdade e Justiça pediu à Comissão Nacional da Verdade (CNV) que o ex-capitão dos Portos de São Paulo, o almirante de esquadra Júlio de Sá Bierrenbach, seja ouvido para saber qual o seu grau de conhecimento sobre a existência de um centro de tortura na Base Aérea de Santos. Em um dos depoimentos coletados pela Comissão da Verdade de Santos - Prefeito Esmeraldo Tarquínio, o jornalista Luiz Paulo Costa relatou que existia uma clara conexão entre esse centro da Aeronáutica e o navio-prisão *Raul Soares*. Ele foi detido no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, e levado à Base Aérea, onde permaneceu por vários dias sob tortura até ser levado ao *Raul Soares*. Em novembro de 2013, durante um evento da CNV realizado em Santos, o sindicalista Luciano Valadares relatou que foi preso, torturado, ameaçado e humilhado por seus superiores da Força Aérea quando serviu na Base Aérea. Isso ocorreu por ter oferecido comida a um grupo de pessoas presas que chegou ao local, em caminhões do Exército.

## Grande vitória

"O fato de a gente ter mantido o navio *Raul Soares* em pauta foi importante para que o assunto fosse tratado pela Comissão Nacional da Verdade e para não deixá-lo cair no esquecimento. Mesmo em termos nacionais, existia a ideia geral que a tortura só começou a partir de 1968, após o AI-5 (Ato Institucional nº 5), que foi algo tenebroso. Dizer que a tortura apenas teve início em 1968 é apagar a nossa própria história"

Lídia Maria de Melo, jornalista e professora universitária

## Atos ilegais

### >>> Testemunho

Um dos detidos no navio-prisão *Raul Soares*, o médico Thomas Maack afirma que foi testemunha de maus-tratos, torturas e terrorismo psicológico que eram praticados no local, em depoimento concedido ao jornalista Francisco Aloise, autor do livro *Cárcere Flutuante: os 50 anos do navio-prisão Raul Soares e da repressão ao sindicalismo*.

### >>> Emergências

O médico relata que assim que chegou ao navio foi colocado em uma cela inundada. Ele atendeu a vários chamados de emergência, como febres, tentativas de suicídio, desidratação e convulsões.

### >>> Comida e banheiro

Segundo o livro, a comida servida na embarcação era "uma pasta intragável", azeda e malcheirosa. Os presos tinham de comê-la com as mãos, devido à falta de talheres. Quem se recusava, ficava sem refeições. As celas improvisadas não tinham banheiros. Muitas vezes, as necessidades fisiológicas eram feitas no chão do próprio local. A ida ao banheiro coletivo era sempre acompanhada por

soldados, sob a mira das armas.

### >>> Limitações

As saídas das celas eram limitadas a uma ida diária ao banheiro. As outras saídas eram raras e ocorria normalmente em dias chuvosos e frios, quando os presos eram obrigados a fazer exercícios forçados. Muitos se queixavam do sofrimento de permanecer incomunicável.

### >>> Estriamento

Os presos do Exército, como Tomochi Sumida, eram submetidos a longos períodos de permanência dentro de uma geladeira. Isso ocorria toda a sexta-feira. De duas em duas horas, os soldados abriam a porta para que entrasse ar e voltavam a fechá-la.

### >>> Calabouços

O navio tinha três compartimentos: um salão sem ventilação ao lado da caldeira, onde as temperaturas passavam dos 50 graus; uma saleta em que os presos ficavam com água gelada na altura dos joelhos; e um local onde se jogavam as fezes dos detidos. A maioria dos prisioneiros passou, ao menos, por uma dessas três salas.

## Câmara quer cassar título de Bierrenbach

III A presidência da Comissão da Verdade de Santos - Prefeito Esmeraldo Tarquínio quer cancelar o título de Cidadão Santista concedido pela Câmara Municipal, em 1965, ao ex-capitão dos Portos de São Paulo, o almirante de esquadra Júlio de Sá Bierrenbach.

Segundo o responsável pela comissão, o vereador Evaldo Stanislau (PT), essa medida é necessária porque o militar foi o representante no Município de um golpe ilegal.

"Ele ignorou as leis e a democracia, causou sofrimentos a milhares de famílias, exerceu o poder de uma forma autoritária e onipotente, mandou prender trabalhadores sem justificativa e desrespeitou o Judiciário", afirma.

A comissão municipal repudia ainda a declaração de Bierrenbach, de que "não houve tortura" no navio-prisão *Raul Soares*. "O almirante deve ao povo de Santos não só desculpas e explicações veredades, mas também uma imensa reparação por destruir o futuro, por inviabilizar o crescimento social e por criar o império do medo", destaca.

Em um documento enviado à Comissão Nacional da Verdade (CNV), Stanislau destaca que todas as ações militares desse tipo foram e serão totalmente "ilegais, criminosas e perversas", sem o menor amparo jurídico ou qualquer outro tipo de legitimidade.

"Foram atos de violência pura e simples, atentados contra a humanidade. Só esta constatação é suficiente para comprovar que houve uma profunda tortura psicológica, social, cultural, econômica e política contra toda a população santista", aponta um dos trechos do requerimento elaborado pelo petista.

### VIDA COMUNITÁRIA

Na avaliação dele, a destruição deliberada das estruturas da vida comunitária é a pior das torturas, com reflexos que atravessam as décadas e ainda são sentidos atualmente.

"A Cidade foi literalmente destruída por uma tortura permanente, cruel e ilegítima. (...) A falta de explicações (sobre as prisões) até

hoje é uma tortura que atravessa os anos, que destruiu vidas, famílias e o tecido social. Isso destruiu uma comunidade progressista, rica em ideias e criatividade", diz.